

04/10/98
14/3/98 12
295

AMAZÔNIA AMEAÇADA: De portas a móveis, de barcos a instrumentos musicais, a utilização é variada e o produto valorizado

Madeira nobre brasileira vira até caixão no exterior

Protestos dos ecologistas tiveram maior efeito para diminuir a importação na Alemanha do que no Japão ou nos EUA

João Ximenes Braga, Cassia Maria Rodrigues, Ascânio Seleme e Graça Magalhães-Ruether

Correspondentes

• NOVA YORK, LONDRES, PARIS e BONN. Os Estados Unidos ficam com 70% do mogno exportado pelo Brasil. Ironicamente, parte dessa madeira é retirada do solo amazônico para, nos Estados Unidos, voltar à terra. Mais exatamente a sete palmos sob a superfície. Caixões são um dos produtos para os quais o mogno é destinado. O maior fabricante de caixões dos Estados Unidos, Batesville Caskets, os fornece para 16 mil casas funerárias no país. Em Manhattan um caixão de mogno custa de US\$ 3.695 a US\$ 21.900.

Chris Fiency, porta-voz da Batesville, confirmou que a empresa compra mogno brasileiro.

— O consumidor exige do caixão a mesma qualidade do mobiliário fino. Usamos a madeira que normalmente é encontrada na casa das pessoas — diz Fiency.

O mogno é tido como um símbolo de status nos Estados Unidos e seu uso em caixões é considerado desperdício por Chris Hatch, diretor do programa de madeira da ONG Rainforest Action Network (RAN):

— Protestamos contra o uso de mogno em caixões porque isso é coisa de doído. Aqui até para fabricar assentos de vasos sanitários o mogno é usado — disse.

O destino mais freqüente para o mogno brasileiro, porém, é o mobiliário de luxo. Segundo dados fornecidos pela RAN, em 1995 os EUA importaram 62.808 metros cúbicos de mogno do Brasil. Cada árvore costuma ter cerca de oito metros cúbicos e é comprada a US\$ 20 na Amazônia. No mercado internacional, o metro cúbico é revendido a US\$ 850. Nos Estados Unidos, 72% da importação vão para os fabricantes de móveis, entre eles grandes empresas que, segundo a RAN, compactuam com a extração ilegal, como East & Allen, Lazy Boy Chairs, You Find Home Deppot. O GLOBO procurou essas empresas, mas não conseguiu que alguém falasse em nome delas. A exceção foi a Harvertys Furniture, cujo vice-presidente de merchandising, Steve Burdette, enviou uma declaração por fax:

"O mobiliário da Harvertys que contém mogno vem de dois fabricantes, Universal e Thomasville. O mogno cru é proveniente de projetos de reflorestamento e é obtido por esses fabricantes em acordo com o Ibama. (...) A Export Timber Industry Association of Brazil (Associação das Indústrias de Exportação de Madeira) se compromete a não usar ou adquirir madeira ilegal vinda de reservas indígenas".

Nem todas as empresas assumem esse compromisso, pois, segundo o Fundo Mundial para a Natureza (WWF), 80% da exportação brasileira de mogno é ilegal pelas leis do Brasil.

— O comércio de mogno nos Estados Unidos é legal. Pela cabeça das autoridades locais, é perfeitamente lícito importar — disse Steve Schwartzman, do Fundo de Defesa do Meio Ambiente (Environmental Defense Fund).

Em Londres, mogno brasileiro mudou a cara de bairro pobre

Bairro modesto no Norte de Londres, habitado especialmente por irlandeses e negros de classe média baixa, Kilburn era tido até dois anos como opção de moradia barata no concorrido e caríssimo mercado imobiliário da cidade. Mas o empreiteiro líbio Hussein Soufraki mudou a cara de Kilburn. Com a ajuda do mogno brasileiro, empurrou para as nuvens os preços dos imóveis.

Radicado na capital britânica há mais de 15 anos, Soufraki é o pai do projeto Jubilee Heights, um moderno edifício residencial de 107 apartamentos em Shoot Up Hill, ao lado da estação do metrô de Kilburn. Para atrair a clientela, publicou anúncios em jornais destacando a valiosa madeira brasileira. "Um maravilhoso edifício de 107 apartamentos com um, dois e três quartos. Todas as portas principais de sólido mogno brasileiro", informa a propa-

ganda do Jubilee Heights, um empreendimento de 25 milhões de libras (cerca de US\$ 42 milhões).

Em novembro, quando a construtora começou a anunciar os imóveis, os preços variavam de 99 mil libras (US\$ 166 mil) a 225 mil libras (US\$ 378 mil). Hoje oscilam entre 140 mil libras (US\$ 235 mil) e 270 mil libras (US\$ 453 mil), quase o preço de apartamentos em bairros elegantes de Londres, como Holland Park, Hampstead ou Kensington.

— Não é uma maravilha?, pergunta Soufraki ao repórter do GLOBO, enquanto alisa e bate na madeira da Amazônia.

Soufraki diz conhecer bem o Brasil. Tem um apartamento na rua Rodolfo Dantas, em Copacabana, e sempre que pode passa férias no Rio, com a família. Seus negócios se expandiram para o Canadá, Leste Europeu e outros países da África.

Perguntado se não se sente um responsável pela destruição da Amazônia, já que grande parte da floresta é devastada ilegalmente para atender ao consumo mundial, ele reage.

— Pago meus impostos. Comprei o mogno de um fornecedor conceituado na Inglaterra. Por que deveria me sentir culpado? Esse é um problema das autoridades brasileiras.

Ipê roxo brasileiro foi usado na Biblioteca Nacional da França

Na França, uma das obras do ex-presidente François Mitterrand, a Biblioteca Nacional, consumiu 5.500 metros cúbicos de ipê brasileiro. Segundo estudos da ONG francesa Robin des Bois, foi necessário explorar quatro mil hectares da floresta tropical brasileira para se atender à encomenda dos arquitetos que fizeram o projeto. Um deles explicou a escolha do ipê brasileiro:

— A vantagem do ipê é para o tempo úmido. Em dias de chuva ele não fica escorregadio — disse Dominique Jamet.

O então diretor da Biblioteca Nacional, Nic Perrault, defendeu-se afirmando que o ipê que seria usado na esplanada da biblioteca representava "uma gota d'água" na floresta brasileira.

O Pará, o principal exportador de madeiras tropicais brasileiras, vendeu 665 mil metros cúbicos em 1993. Mas apenas 5.248 metros cúbicos eram de ipê. Em 1994, a Biblioteca Nacional da França sozinha consumiu mais ipê roxo do que o Pará exportara no ano anterior.

Na Alemanha, quem liga para a firma Theodor Nagel, de Hamburgo, especializada na importação de madeiras tropicais para a produção de instrumentos musicais, ouve a resposta seca:

— Não damos informação à imprensa.

Cerca de 30 tipos de árvores do Brasil são usadas na produção de instrumentos, como nos pés de pianos de cauda. Mas o uso da madeira da Amazônia para instrumentos é insignificante em comparação com o que é usado na indústria de portas, janelas, móveis de jardim e interior, assoalhos, decks e barcos.

Lazlo Maraz, da organização ecológica Pro-Regenwald, em Munique, diz que os protestos dos ecologistas tiveram efeito maior na Alemanha do que nos Estados Unidos ou no Japão.

— Houve redução da importação de madeira da Amazônia devido à repercussão negativa.

Mas a redução foi também consequência da mudança no estilo dos móveis domésticos. Há alguns anos predomina os tons claros — e neste caso são usados os pinheiros de cultivo local. Por ser mais barato e diferente, é usado também o *Pinus brasiliensis*, a araucária do Sul do Brasil.

Heiner Olmer, do Instituto de Pesquisa Florestal da Universidade de Hamburgo, diz que os importadores tem preferido comprar partes dos móveis para não passarem como destruidores da floresta. Assim, partes do violino, entram para estatística de importação como peças e não como madeira tropical. Mas Olmer lembra que isso não contribui em nada para a preservação da Floresta Amazônica. ■

